

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

A VIVÊNCIA DO LUTO PELA MORTE DO CÔNJUGE: UM ESTUDO A PARTIR DE ESCRITOS DE LYA LUFT

Jessica Torquetti Heberle (Programa de Iniciação Científica – UEM, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil); Tatiane Mayumi Sakamoto (Programa de Iniciação Científica – UEM, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil); Lucia Cecilia da Silva (Programa de Iniciação Científica – UEM, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR, Brasil).

contato: jessicatheberle@gmail.com

luciacecilia@hotmail.com

tatimayumisak@gmail.com

Palavras-chave: Perda. Casal. Fenomenologia.

O luto é uma reação ao sentimento de perda de uma pessoa querida ou mesmo de um ideal. Caracteriza-se por diversas reações, como o desânimo, a falta de interesse, incapacidade de amar e inibição de atividades diárias (FREUD, 1969). A psicanálise trouxe a ideia de que o luto é um trabalho de elaboração, um processo, um tempo em que o vivido da perda se transforma em aceitação. Segundo Cintra (2011, p. 26), nessa perspectiva o luto é um “caminhar pelas veredas de uma história para deixar passar o passado e abrir o futuro”.

Frequentemente é citado na literatura que as perdas mais sentidas são as do cônjuge e a dos filhos. O luto que segue a morte do cônjuge é considerado um dos fatores que causam mais sofrimento, pois o cônjuge sobrevivente enfrenta questões relacionadas aos aspectos psicológicos, financeiros, de *status* social e que podem afetar tanto a saúde física quanto mental (MAZORRA, 2009). O tipo de relação estabelecida com o ente falecido e a causa de sua morte podem interferir no processo de luto. Mortes súbitas precoces ou violentas, segundo Oliveira (2002), ocasionam um abalo com maior intensidade.

Nosso estudo se propôs a compreender a vivência do luto pela perda do cônjuge. Para isso buscou-se investigá-lo pela análise de obras literárias que expressam a vivência do luto. Partiu-se do entendimento que a literatura expressa esses sentimentos de forma mais livre, sem as amarras e formatos delimitados pela sociedade. Assim, foram escolhidas duas obras de Lya Luft para análise: *O Lado Fatal*, publicado em 1996 e *Perdas e Ganhos*, publicado em 2003.

A escolha da escritora se deveu a algumas características. Ela perdeu dois maridos em um curto período de tempo e seu estilo também se mostrou interessante para o estudo, uma vez que ela escreve como se dialogasse com o leitor e seus temas se referem a

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

questionamentos sobre a vida, questionamentos que a assombram, como ela mesma afirma. Assim, tomou-se as descrições da autora do que ela vivenciou após a morte de um dos cônjuges em especial, pois esse foi a assunto de O Lado Fatal.

Para a análise das vivências elegeu-se como referencial metodológico a fenomenologia, uma vez que esta busca compreender o fenômeno como ele se apresenta à consciência. O objetivo é suspender os pré-conceitos, as pré-definições e conseguir chegar ao fenômeno, não à sua representação. Conforme diz AmatuZZi (1996) podemos designar por pesquisa fenomenológica “o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência” (p.5).

O estudo também se pautou no pensamento fenomenológico de Heidegger, já que este filósofo muito contribuiu com reflexões sobre a morte. Heidegger (2012) postula que a morte é um “fato da experiência” que não pode ser negado. Todos nós temos conhecimento da morte, ninguém duvida que possa morrer, porém, no cotidiano, fugimos da verdade que a morte é “a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal, indeterminada e insuperável da presença” (HEIDEGGER, 2012, p. 335).

As duas obras da escritora foram estudadas, foram selecionados os trechos mais pertinentes ao objetivo da pesquisa e após a análise chegou-se a algumas unidades de significado, denominadas com as próprias palavras da escritora: 1) Não acredito, não acredito; 2) Finjo a minha vida; 3) Aquele que eu amei, morto agora e pra sempre vivo; 4) Tenho de procurar outra vez algum sentido; e, 5) Amar através do teu amor as coisas que me restaram.

Essas unidades marcam alguns aspectos que, no nosso entender, dizem sobre o vivenciar o luto pela morte do cônjuge. Não significa que estamos propondo uma sequência de fases ou um percurso de luto a ser seguido; simplesmente trazemos as nuances mais carregadas de uma vivência tão dolorosa, as quais podem possibilitar uma aproximação da experiência daquele que sofre.

Um aspecto do luto que foi mostrado recorrentemente pela escritora foi a incredulidade e inconformidade perante a morte do ente querido. Tornou-se inconcebível que ela estivesse viva e o companheiro morto, que ela precisasse desempenhar suas atividades sem que ele estivesse junto para compartilhar. Há a falta do ente querido, mas há também sua presença de um jeito que não se sabe muito bem como lidar. Ela diz: “levo quem morreu no peito/ como quem carrega nos braços/ uma criança morta/- e a gente não sabe onde

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

depositar.” (LUFT, 2011, p. 89).

No luto o cônjuge sobrevivente precisará reposicionar seu ser-no-mundo sem o cônjuge que morreu. A escritora sabe que terá de passar isso, mas aceitar a morte dele é aceitar viver sem ele. Viver sem ele também é sair da vida dele, de certa forma é também morrer para ele e seguir com a vida. Mas isso soa inautêntico, estranho, pois deixa-se um jeito de ser-no-mundo para ser de um jeito que não se sabe como, ainda. Em dois momentos isso fica claro, um quando ela diz “finjo a minha vida, como ele finge a sua morte.” (LUFT, 2011, p. 17) e outro quando anota que “fico tangendo meus dias/ como um rebanho de ovelhas desordenadas/ que não encontram lugar.” (LUFT, 2011, p.79). Em vários momentos em *O Lado Fatal*, a escritora relata não sentir-se a mesma que era, faz as coisas automaticamente e não esconde que muitas vezes gostaria de também morrer. Seu sofrimento ainda é maior, pois as pessoas parecem não perceber que ela está “inteira na aparência”, uma vez que estão ocupadas com suas vidas, com seus afazeres.

A escritora também assinala que se mostra muito saudosista, lembrando-se dos momentos vividos com o marido. Essas lembranças são uma forma dela manter o seu ser-no-mundo com a presença dele só que de outra maneira. Se antes isso era difícil de se carregar, agora, a vinculação com ele se dá pela lembrança, principalmente dos gestos de carinho e cuidado um para com outro. Isso é claro quando ela lembra que “sua mão procurava a minha/ para dizer que em nenhum momento/ me esquecia.” (LUFT, 2011, p. 87). É todo esse mundo de afeto, cumplicidade, de companheirismo, de gestos cuidadosos que ela perde com a morte dele.

Aos poucos Luft sente que precisa recomeçar, modificando o ambiente e pensamentos, num movimento de seguir em frente, apesar de todo o tumulto existencial. Ela afirma: minha vida foi virada do avesso:/ tenho de procurar outra vez/ algum sentido.” (LUFT, 2011, p.69).

Vivenciar o luto e retomar a vida sem a presença do ente querido tem suas ambiguidades, a pessoa se vê nesse jogo de deixar o passado e fazer seu futuro. O enlutado vive o drama de estar sendo convocado pelo passado e pelo futuro ao mesmo tempo. Percebemos que é nesse movimento que vai acontecendo as ressignificações da morte do ente querido de modo a dar possibilidades de se continuar vivendo e de ir se fazendo sem a presença do outro. A escritora deixa isso claro quando escreve: “se de um lado a morte me abraça,/do outro a vida me chama.” (LUFT, 2011, p. 53).

Outros trechos assinalam que nesse processo de ressignificação, ela procura um

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

sentido para a morte dele, com quando diz: “Talvez tenha morrido na medida certa/ para nada se desgastar.” (LUFT, 2011, p. 71). E, parece que assim, aos poucos, ela vai convivendo com a presença do ausente de forma mais amena.

Até que no lugar do sentimento do absurdo de estar viva e o marido morto, a autora explicita que deve a seu amor, o cônjuge, uma volta à sua vida. Em nenhum momento fala de esquecê-lo, mas por meio das lembranças dele enxergar e amar sua vida, pois “quando as lágrimas secaram, comecei a entender que ele ainda está na minha vida destrocada, e sabe de mim tudo o que hoje não sei dele.” (LUFT, 2011, p. 29).

Em seu livro *Perdas e Ganhos* (2004) ela faz algumas reflexões sobre a perda e afirma que “quando pensamos que tudo acabou, que nunca mais teremos alegria ou emoção, tudo isso que estava guardado e é bom emerge em plena vigência e força.” (LUFT, 2004, p.89). Como a dizer que a impotência diante da facticidade da morte é real e não há como ser diferente, pois todos somos mortais. Porém, quem morreu não se apaga da vida de quem a perdeu, não há uma substituição, mas uma ressignificação da presença da pessoa que morreu pela pessoa sobrevivente.

Num momento mais distante das mortes acontecidas, serena, ela reafirma que a ressignificação da morte do ente querido se dá na temporalidade do ser, na qual o futuro tem o papel preponderante de lhe convocar a cuidar de sua existência, já que ele se veste de esperança.

Foram-se os amores que tive ou me tiveram: partiram num cortejo silencioso e iluminado. O tempo me ensinou a não acreditar demais na morte nem desistir da vida: cultivo alegrias num jardim onde estamos eu, os sonhos idos, os velhos amores e seus segredos. E a esperança – que rebrilha como pedrinhas de cor entre as raízes. (LUFT, 2004, p.101)

Concluimos que o luto exige um novo sentido, uma nova forma de ser-no-mundo e a ressignificação da relação com a pessoa perdida. O morto será sempre uma presença na vida do enlutado, pois estará na sua memória. Pudemos perceber pelo relato da escritora que acontece uma reestruturação da relação com a pessoa perdida, portanto o luto não termina com a volta à vida de antes, como se diz geralmente, simplesmente porque não é possível uma vida como a de antes; não se retira o cônjuge morto da vida do outro. Ele permanece com uma relação com esse ente querido, mas agora de outra forma, numa co-existência ressignificada. Isso quer dizer que a presença, enquanto ser-no-mundo, se reposiciona, se reorienta por outros sentidos e aparece com novas formas de partilhar o mundo.

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

Referências

AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 13, n.1, p. 5-10.

CINTRA, E. M. U. Sobre luto e melancolia: uma reflexão sobre o purificar e o destruir, **ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos**, Brasília, v. 29, p. 23-40, 2011.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: BRITO, T. O.; BRITTO, P. H.; OITICICA, C. M. (Org.). **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Themira de Oliveira Brito, Paulo Henrique Britto e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969. v. 14. p. 275-291.

LUFT, L. **O lado fatal**. Rio de Janeiro: Record, 2011. 91 p.

LUFT, L. **Perdas e Ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2004. 156 p.

MAZORRA, L. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. 256 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, C. C. Casamento e viuvez. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Estudos avançados sobre o luto**. São Paulo: Editora Livro Pleno Ltda, 2002. cap. 6. p. 151-172.

SCHUBACK, M. S. C. O possível ser-todo da presença e o ser-para-a-morte. In: HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 309-344.